

## ADAM SMITH - PENSAMENTO ECONÔMICO

**Antônio Porfírio de Matos Neto<sup>1</sup>**

Adam Smith (1723-1790) foi um economista e filósofo britânico, de origem escocesa, considerado o Pai da Economia Moderna. Sua filosofia social foi influenciada pelas ideias do Iluminismo. No campo econômico, abordou questões como o crescimento econômico, ética, educação, divisão do trabalho, livre concorrência, evolução social, etc.

Smith nasceu na pequena cidade portuária de Kirkcaldy, na Escócia, em 16 de julho de 1723. Ali não havia nenhuma atividade industrial exceto uma fábrica de alfinetes. Observando a organização e funcionamento deste estabelecimento, Adam Smith vai tomar contato com as novas formas de produção.

Com apenas 14 anos, ingressou na Universidade de Glasgow, no curso de Filosofia. Graduou-se em 1740, ano em que ganhou uma bolsa de estudos da Universidade de Oxford para estudar no Balliol College. Dedicou-se muitos anos à vida acadêmica. Na Universidade de Glasgow, deu aulas de filosofia e retórica e foi nomeado professor da Cátedra de Lógica. Um ano depois, foi nomeado docente da Cátedra de Filosofia Moral. Em 1758, sete anos depois de começar a lecionar em Glasgow, se tornou o reitor da universidade.

Radicado em Edimburgo, em 1748, deu cursos sobre ética e economia, até ser nomeado professor de Lógica, na Universidade de Glasgow, em 1751. Smith travou amizade com o filósofo David Hume, cujas doutrinas empiristas e iluministas exerceram grande influência sobre ele. Em 1759 Publicou seu principal tratado sobre essa disciplina, "Teoria dos Sentimentos Morais". O foco principal do estudo é voltado para o comportamento do homem. Para isto ele analisa criticamente o pensamento moral de sua época, além de propor que a consciência surge a partir das relações sociais.

Nessa obra, vinculada à escola do sentimento moral iniciada por Francis Hutcheson, Adam Smith destacava, como princípio básico da consciência moral do indivíduo, a imparcialidade no julgamento das próprias ações e do comportamento alheio. Adam Smith

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia, Graduação em Ciências Jurídicas, Especialista em Gestão Municipal, Mestre em Economia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Membro da Academia Sergipana de Letras e Membro da Academia de Letras de Aracaju- Email: antonioporfirio56@gmail

tornou-se tutor do duque de Buccleuch e com ele viajou pela França e Suíça entre 1763 e 1766, onde teve contato com os fisiocratas, como Voltaire e François Quesnay.

De volta à Escócia, Smith abandonou a atividade acadêmica e alternou sua residência entre Kirkcaldy e Londres. Em 1776, publicou sua obra principal, "A Riqueza das Nações", que teve importância fundamental para o nascimento da economia política liberal e para o progresso de toda a teoria econômica. Pregava a não intervenção do Estado na economia e um Estado limitado às funções de guardião da segurança pública, mantenedor da ordem e garantia da propriedade privada.

Adam Smith é, provavelmente, um dos economistas mais conhecidos da história, sendo objeto de estudo em todas as universidades e cátedras do mundo. Apesar de ser do século XVIII, seus pensamentos têm influência até os dias de hoje. Considerado o pai do liberalismo e da economia moderna, suas teorias de Adam Smith ainda são consideradas e aceitas por muitos economistas da atualidade.

Em "A Riqueza das Nações", Smith pregava, pois, a não intervenção do Estado na economia e um Estado limitado às funções de guardião da segurança pública, mantenedor da ordem e garantia da propriedade privada. Defendia a liberdade contratual, pela qual patrões e empregados seriam livres para negociar os contratos de trabalho.

As páginas iniciais de A Riqueza das Nações são eloquentes sobre o novo papel assumido por este conceito: é o trabalho, trabalho em geral, a única fonte da riqueza de uma sociedade. De um lado, Smith se distancia das convicções mercantilistas, que supunham que a riqueza de uma nação só poderia provir de seu comércio externo (vale dizer, que a vantagem de uma nação só poderia advir da desvantagem das demais), mas também supera a visão unilateral da fisiocracia, que atribuía ao trabalho do agricultor - e só a ele - a capacidade de produzir riquezas.

A principal obra de Adam Smith acima referida, ainda contribui de forma preponderante para alguns conceitos que são utilizados na sociedade moderna. Entre eles, a valorização do individual e a limitação do papel do estado. Na obra, defendeu conceitos novos sobre como a liberdade do indivíduo deveria ser encarada. Além de elaborar e defender a ideia que o mercado se regularia automaticamente, além de elaborar conceitos diferentes sobre o mercado de trabalho.

A verdade é que o Pai do Liberalismo Econômico influenciou e continua influenciando diversas gerações com sua ideia de estado e mercado. Ele defende que a sociedade só funciona pela vontade própria de cada indivíduo, e não pela força de um bem maior, no caso, o estado.

Ele defende que a sociedade só funciona pela vontade própria de cada indivíduo, e não pela força de um bem maior, no caso, o estado.

Smith defendeu a igualdade perante a lei para todos, sendo errado o governo conceder vantagens a alguns à custa de outros. Ele achava inadequado quaisquer leis que freassem a produção dos homens, e sustentava que cada pessoa pudesse buscar livremente seus interesses, desde que não infringisse os direitos de outras pessoas. Era também um Whig, os Whigs do parlamento britânico lutaram por um governo limitado e por liberdade.

Para Smith, a economia se move pelo interesse privado dos indivíduos. Por exemplo, um trabalhador não se levanta toda manhã apenas porque ama seu trabalho ou deseja praticar o bem. Ele sabe que precisa desta ocupação para sobreviver. No entanto, com este gesto, ele ajuda toda a sociedade, pois graças ao seu esforço, as pessoas que dependem dele, também são beneficiadas. No contexto, geral algumas ideias defendidas por Smith ainda são bem conhecidas no mundo econômico, ainda que nem sempre colocadas em prática.

Sobre a Divisão do Trabalho, Smith defendia que o trabalho deveria ser feito em etapas para que todo trabalhador melhorasse seu empenho ao longo da produção. Além disso, defendia que cada nação deveria produzir apenas alguns poucos produtos para vendê-los no mercado. Isso criaria mão-de-obra qualificada e um conhecimento difícil de ser superado por outros países.

Para Smith, a função do Estado seria apenas para manter a segurança pública. No século XVIII vigorava o Mercantilismo, no qual havia forte intervenção estatal e entraves no comércio exterior. Nessa época, a riqueza de uma nação era medida pela quantidade de ouro e prata nos cofres. Smith discordava e alegava que a riqueza de uma nação está na habilidade de produzir bens. Para isso, os cidadãos devem ser capacitados e o Estado não deve intervir.

Defendia, por isso mesmo, a propriedade privada, a não intervenção do Estado na economia e a liberdade contratual entre patrões e empregados. Assim, o papel do Estado deveria ser apenas de manter a segurança pública e a ordem e garantir o direito de propriedade privada e as liberdades individuais das pessoas.

Uma das ideias mais conhecidas de Smith é a denominada Mão Invisível. Smith utiliza essa metáfora para explicar que a “mão invisível” leva seres humanos a preferirem produtos nacionais a estrangeiros, por exemplo. Outro exemplo que ele defendia era sobre o fato de os ricos não conseguem consumir toda a riqueza que possuem. Assim, mesmo quando utilizam seu dinheiro para interesses pessoais, seja comprando bens ou abrindo negócios, essa riqueza acaba sendo distribuída naturalmente pela mão invisível ao resto da população, atingindo um equilíbrio econômico.

A “Mão Invisível” de Smith era uma oposição à economia planejada dos mercantilistas, que achavam que a economia era como uma torta: aquele que desejasse enriquecer precisava cortar um pedaço maior que os outros, para “A” ser mais rico, “B” precisava empobrecer. Mas Smith não se deu o trabalho de investigar a pobreza, para ele a riqueza é que era gerada. Constatou que no mercado os homens buscam seus próprios interesses, sendo necessário agradar aos outros; de modo que não era pela benevolência do padeiro ou do açougueiro que a comida chegava à mesa, mas porque estes comercializavam por si mesmos, e assim os interesses de diferentes homens acabam se integrando no mercado, como se houvesse uma “mão invisível” os conduzindo. A riqueza, para Smith, não era torta finita. Os homens poderiam produzir uma torta maior, mais riqueza. Smith ainda enfatizou a divisão do trabalho em suas obras.

Adam Smith ilustrou bem seu pensamento ao afirmar "não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu "auto interesse". Assim acreditava que a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental. A competição livre entre os diversos fornecedores levaria não só à queda do preço das mercadorias, mas também a constantes inovações tecnológicas, no afã de baratear o custo de produção e vencer os competidores.

Ele analisou a divisão do trabalho como um fator evolucionário poderoso a propulsionar a economia. Uma frase de Adam Smith se tornou famosa: "Assim, o mercador ou comerciante, movido apenas pelo seu próprio interesse egoísta (self-interest), é levado por uma mão invisível a promover algo que nunca fez parte do interesse dele: o bem-estar da sociedade." Como resultado da atuação dessa "mão invisível", o preço das mercadorias deveria descer e os salários deveriam subir.

Os princípios de Adam Smith são, até hoje, defendidos por diversos economistas. Entretanto, há quem discorde de seus ideais. Há estudiosos que criticam e rebatem o princípio da “mão invisível”. Ainda, há críticos que veem incoerência entre a postura do Adam Smith economista político e do Adam Smith filósofo moral. Isso porque sua obra econômica refutava as ideias morais ditas no seu primeiro livro.

Adam Smith, ao oferecer a solução do mercado como explicação para a emergência da ordem social, define o projeto da economia como ciência, ao mesmo tempo que dialoga com a questão filosófica central dos modernos: como entender a emergência da ordem social sem recorrer à explicação divina? Expulsos os anjos do céu, ao homem, resta-lhe fornecer tanto uma explicação para a ordem física como uma forma de inteligibilidade para a ordem social.

Smith pensa a sociedade como um pensador moderno e a encarou dentro de suas contradições. Com isso, construiu uma solução em que a sociedade não será mais fundada sobre uma exterioridade, mas sobre ela mesma. Neste objetivo, Adam Smith torna-se um dos mais geniais representantes da modernidade: ele transforma a economia em centro explicativo da sociedade através da universalidade do desejo de ganho dos homens.

Sua solução afirma que os interesses privados, ao invés de se chocarem, produzindo a guerra, são agraciados por uma mão invisível que os orienta para o bem-estar coletivo. Uma solução aparentemente simples, mas que se tornou em uma das metáforas centrais da economia e contribuiu decisivamente para definir um dos caminhos teóricos da disciplina.

De qualquer modo, Adam Smith é até hoje lembrado por suas teorias relacionadas ao liberalismo econômico e principalmente, por ideias como a mão invisível e a liberdade individual. Seu pensamento revolucionou a economia e, por esse motivo, deve ser considerado um dos nomes mais importantes para o pensamento econômico.

## **REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia, trad. de Alfredo Bosi, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BIANCHI, A. M. A pré-história da economia: de Maquiavel a Adam Smith. São Paulo: Hucitec, 1987.

CERQUEIRA, Hugo E. A. G. “Para ler Adam Smith: novas abordagens”. (Texto para discussão n° 183), Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, 2003.

GANEM, A. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: uma abordagem histórico-filosófica. Revista de Economia Contemporânea, v. 4, n. 2, jul./dez. 2000.